

DIALOGOS NOTURNOS EM JERUSALÉM:
SOBRE O RISCO DA FÉ¹

Cardeal Carlo M. Martini
Georg Sporschill

Carlo Maria Martini nasceu em Turim, em 1927. Ainda jovem, tornou-se jesuíta. Foi ordenado presbítero em 1952. Durante muitos anos viveu em Roma, trabalhando no Pontifício Instituto Bíblico, de que chegou a ser diretor. Foi bispo de Milão entre 1980 e 2002. Terminado o pastoreio na maior diocese do mundo, passou a residir na casa dos jesuítas em Jerusalém. Devido a seu estado de saúde, retornou à Itália.

O Cardeal Martini é considerado uma das figuras mais marcantes da Igreja contemporânea por causa do testemunho de vida, da firmeza na fé, da profundidade intelectual e espiritual no trato com a Sagrada Escritura, da coragem em suas tomadas de posição em relação ao futuro da Igreja. Para ele, as mudanças que ocorrem na Europa (e no mundo) não são causa de lamentos e sim uma chance para a Companhia de Jesus (e para toda a Igreja). Elas representam um momento de sair a campo, arriscar tudo e demonstrar coragem. Recordando um episódio do tempo de Inácio de Loyola, afirma Martini: “Se não chocamos ninguém, teria dito Inácio, deixamos de cumprir nossa missão” (p. 104). Isto vale não apenas para os jesuítas, mas para toda a Igreja. Dizia ainda Santo Inácio que passaria a se preocupar com sua Ordem quando ela deixasse de ser perseguida. O mesmo pode-se dizer em relação a toda a Igreja. Quando ela se acha na mais perfeita tranqüilidade, bem entrosada com os poderes e os poderosos deste mundo, causa preocupação. É bem provável que o evangelho esteja sendo traído em algumas de suas grandes exigências.

¹ “Realidades humanas e mistérios divinos andam sempre de mãos dadas na teologia de Tomás de Aquino (C. Josaphat, *Tomás de Aquino e a nova era do Espírito*, Loyola, São Paulo, 1998, 63). A mesma afirmação vale para o cardeal Martini em seus “diálogos noturnos”.

Georg Sporschill é também padre jesuíta e trabalha com meninos de rua na Romênia e na Moldávia. A convivência com o cardeal Martini em Jerusalém e os “diálogos noturnos” entre os dois levaram a este pequeno-grande livro, por meio do qual entramos em contato com um biblista de renome que, sem apelar diretamente para o saber exegético e teológico, acaba por revelar sua condição de ser humano, cristão, religioso e bispo, tudo isto fundamentado em uma profunda inteligência da fé.

Embora não seja uma obra de teologia ou de exegese bíblica, é imensa a riqueza contida nesse livro. Limito-me a destacar algumas questões, acrescentando uma ou outra observação pessoal, atrevendo-me a entrar na conversa, com o intuito de despertar o desejo da leitura integral do texto.

DEUS E EXPERIÊNCIA DE DEUS

Deus não é uma realidade evidente nem a pergunta filosófica por ele constitui o primeiro passo. No princípio se encontra a experiência iniciada quase sempre em casa e que se desdobra no decorrer da existência. “Meus pais me deram a fé em Deus como um presente. Minha mãe me ensinou a rezar” (p. 14). Depois foi a vez dos amigos, a entrada para os jesuítas, os Exercícios Espirituais, a proximidade com o apóstolo João, as tarefas e dificuldades da vida. “A vida me mostrou que Deus é bom, e que Ele prepara o caminho para cada um” (p. 14). Importante ainda na experiência de Deus é a “arte da atenção”. Jesus era atento ao contexto circundante e a partir dele criava parábolas que indicavam o que seja o reinado de Deus, onde ele começa a acontecer. No mundo de hoje, em meio a tantos descaminhos e desacertos, o reinado de Deus dá sinais de que está acontecendo em acontecimentos de maior evidência e na rotina diária comum a todos. A “arte da atenção” sob a guia da fé o percebe. Este é o caminho para escapar ao cinismo, ao desespero e prosseguir na esperança mesmo no “tempo sem sol” em que nos encontramos.

Embora pareça ter uma fé tranqüila, o cardeal Martini fez perguntas, queixou-se a Deus, sentiu-se impotente. “Então eu perguntava a Deus, como o fazem também os salmos: ‘Por que isso tem que ser assim?’ Aí, eu conseguia sentir que da dúvida pode surgir algo novo e mais profundo” (p. 16). Neste ponto, o cardeal Martini se põe na esteira de Tomás de Aquino, que não temia dúvidas nem questionamentos porque confiava na força da Verdade. No Doutor Angélico isso aparece em uma perspectiva mais teórica, ao passo que Mar-

tini se exprime em termos mais bíblicos e existenciais. Interessa, no entanto, o dado que une esses dois homens de fé: a coragem da interrogação, porque esse é o horizonte onde aparece o novo. Experiência de Deus não significa intervencionismo miraculoso, e sim atenção à discreta eficácia do Amor em ação na trama da existência humana. Realidades humanas e mistérios divinos andam sempre de mãos dadas².

Existe, no entanto, uma outra experiência: o silêncio de Deus, vivenciada por tanta gente, em toda parte. Podemos pensar em grandes tragédias como o extermínio dos judeus pelos nazistas e a expulsão dos palestinos de suas terras por Israel, ou nas obscuras tragédias do cotidiano: a mãe que nada pode fazer pelos filhos envolvidos com o tráfico de drogas, as crianças sozinhas em casa à noite, porque a mãe precisa ganhar a sobrevivência na prostituição, os animais maltratados... Por que Deus silencia diante de tanta dor? Para muitos, esse silêncio indica o vazio e o absurdo do real. Só resta a tentativa de criar um sentido ou mergulhar no não-sentido. Para o crente, a experiência do silêncio de Deus se assemelha ao protesto de Jó 3 e ao grito do Cristo na cruz (Mc 15,34). Não são expressões de desespero, mas de confiança. Uma confiança que persiste, não se deixa vencer e desemboca no compromisso com os que sofrem. “Por que Deus não fez com que meu marido adiantasse ou atrasasse a viagem em cinco minutos? Com isto, ele teria evitado o acidente fatal que o matou”, me perguntava uma amiga. “Não sei responder a sua pergunta, disse-lhe, mas apesar do que aconteceu confio em Deus e estou aqui a seu lado, compartilhando a sua dor”. Apesar de tanto absurdo, o sentido pervaga a criação, a história e dirá um dia a última palavra. Cabe aos crentes a missão de fazer com que essa última palavra comece a ser balbuciada a partir de agora.

O CRISTÃO DIANTE DO MAL E DO SOFRIMENTO

“Se olho o mal no mundo, perco o fôlego. Entendo as pessoas que chegam à conclusão de que não há Deus” (p. 17). A partir do silêncio de Deus pode-se por a pergunta: por que o mal? Donde ele provém? “Nenhuma pessoa pode responder a pergunta pela origem do mal” (p. 18). As indagações da filosofia não conseguem avançar muito. A Sagrada Escritura também não oferece uma resposta, mas justapõe duas afirmações: a responsabilidade do homem por seu fechamento ao apelo de Deus e a realização final do plano de Deus, não

² Cf. Êxodo 7,3 em: *Bíblia Tradução Ecumênica*, Loyola, São Paulo, 1994, nota 1, 108

obstante a permanente obstinação humana. A obstinação humana parece estar incluída num desígnio divino que a ultrapassa³.

A fé cristã não explica nem justifica teoricamente o mal. Sua resposta é a confissão de fé em Jesus Cristo morto e ressuscitado. Deus não eliminou o mal mediante a promulgação de um decreto divino ou a realização de uma grandiosa teofania. Ao encarnar-se o Filho de Deus se fez um de nós, chegando em sua humanização até às últimas conseqüências na morte de cruz, sepultura e descida à mansão dos mortos. De dentro desse fracasso ele surge vitorioso. “O Rei da vida, morto, reina vivo”. Essa é a proposta da fé cristã: o enfrentamento do mal, a paciência em meio às derrotas de maior ou menor gravidade que ele nos impinge, a perseverança na esperança da vitória completa e definitiva do bem. Essa esperança já conhece um cumprimento antecipado na páscoa de Jesus. Esta é a garantia de que não estamos lutando em vão, mesmo quando episodicamente vencidos por forças potentes. “A fé é menos uma paz do que uma trágica esperança” (Camus). Existe um sentido desde já vitorioso sobre todo absurdo. Com base nesta certeza cabe-nos o combate cotidiano contra o mal em suas diversas manifestações: pessoais, sociais, culturais, econômicas, políticas, religiosas... na certeza de que, não sabemos como nem quando, um dia o sentido revelar-se-á escatologicamente vitorioso⁴.

“Se não podemos responder à pergunta sobre o porquê, fica ainda a questão: como podemos viver com o sofrimento e a desgraça?” (p. 20). Martini responde à pergunta com algumas sugestões práticas. A desgraça desafia-nos a reagir. As coisas não são assim porque são, mas porque foram feitas assim. O que posso fazer para que comecem a mudar? Além disso, muita desgraça é produzida pelo ser humano. O que conduz ao pensar politicamente e ao compromisso em prol da justiça e das causas implicadas nela. Enfim, o ser humano produtor da desgraça pode ser cada um de nós na medida em que na pequenez das atitudes diárias contribuimos para a degradação ambiental, a injustiça social, a desmoralização da política, as distorções que desfiguram o evangelho. “Se não conseguimos, em princípio, responder à questão do sofrimento, podemos ainda assim perguntar-nos: onde posso atuar para que isto melhore?” (p. 21).

³ Cf. J. A. Estrada, *A impossível teodicéia*, Paulinas, São Paulo, 2004, 377-435; O. Perru, *Le mal a-t-il une réalité ontologique?*, *Recherches de Science Religieuse*, 86/2, 1998, 171-200

⁴ Cf. B. Besboué, *L'enfer est-il éternel?*, *Recherches de Science Religieuse*, 87/2, 1999, 189-206; A. T. Queiruga, *O que queremos dizer quando dizemos “Inferno”?*, Paulus, São Paulo, 1996; L. Boff, *Vida para além da morte*, Vozes, Petrópolis, 1973

A LIBERDADE

Na esteira da Bíblia, o cardeal Martini afirma a importância da liberdade. A liberdade não explica a origem do mal, mas é uma aproximação que lança alguma luz sobre essa realidade tão obscura. Deus nos criou para sermos seus interlocutores livres, capazes de acolher ou rejeitar o amor que ele oferece. Sem liberdade não existe amor. Por isso, o amor implica na possibilidade de aceitação ou rejeição. Não se ama por decreto, mas porque se opta pelo amor. Todo o agir de Deus se faz no sentido da aceitação do amor oferecido por ele, mas permanece o insondável mistério de um “não” capaz de vir a ser completo e definitivo. “Se estivéssemos diante da opção: queremos ser humanos que não podem fazer nada de mal e que não são livres – robôs ou escravos – ou queremos homens livres, que amam, que podem dizer sim ou não, então minha resposta seria: agradeço a Deus pela liberdade, com todos os riscos que lhe são inerentes. O amor brota do mistério de que Deus nos toma a sério como interlocutores” (p. 19).

A liberdade faz do ser humano um ser de decisão. As decisões tomadas a cada dia formam a expressão histórica, indicam a direção tomada por essa dimensão presente na profundidade do homem, podendo desembocar numa plenitude de realização ou no completo fracasso. “Quando Deus diz: eu preciso de ti, eu te chamo, o ser humano pode responder: não quero, gosto mais de outra coisa, dinheiro, uma satisfação rápida. Muitos tornam outras pessoas infelizes através de tais ações, e, finalmente, também eles acabam se tornando infelizes. Isto chamamos de mal, fruto da liberdade” (p. 18-19). Não obstante esse risco, a liberdade caracteriza a condição humana. Ela integra o sopro divino do Criador lançado exclusivamente sobre a criatura humana (Gn 2,8.20-23).

O INFERNO

Este assunto tornou-se um tabu e se compreende porque: usou-se e abusou-se dele na pregação e na catequese, o que levou muitos a uma religião do medo, quando não ao abandono do cristianismo. Não vale a pena viver sob a constante ameaça de um sofrimento eterno devido a um deslize instantâneo. Conta um conhecido diretor de cinema que deixou de ser católico quando, aos doze anos, gazeou a missa dominical, foi jogar futebol, lembrando-se depois que por causa disso poderia padecer eternamente no inferno.

O cardeal Martini entra neste assunto, abordando-o de modo rápido, mas interessante. “Em nome de Deus, Jesus lutou para que vivêssemos de forma justa. Justo não significa somente praticando reciprocamente a justiça, mas indo ao encontro um dos outros e protegendo e ajudando os mais fracos. É isso que Jesus quer alcançar com as figuras do juízo e da justiça” (p. 26). A pregação de Jesus, portanto, apela à fraternidade e à solidariedade. Propõe um caminho de construção positiva, não de ansiedade e pavor. Existe, no entanto, a possibilidade do caminho contrário e do prosseguimento nele até o fim. “O inferno na pregação de Jesus é uma advertência, no sentido de viver de tal forma que jamais criemos o inferno e nunca caiamos nele. A mensagem decisiva é que Jesus quer nos preservar e libertar desse inferno” (p. 26).

Existe a possibilidade de uma decisão definitiva e completa contra Deus, de um não radical ao Amor que se aproxima de nós e se dá a nós em Jesus Cristo e no Espírito. Mas não sabemos se essa possibilidade concretizou-se de fato em algum ser humano. Enquanto possibilidade, porém, ela se põe para cada um de nós. Daí a necessidade não do medo do inferno, e sim da oração e da vigilância em meio a uma vida vivida em confiança incondicional no Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. À pergunta se existe alguém no inferno, a resposta consiste no reconhecimento de nossa ignorância, acompanhado pela esperança de que o inferno esteja e continue eternamente vazio. A essa esperança acrescenta-se a oração neste sentido.

O que seria o inferno? “É mais fácil para mim imaginar que tais pessoas serão simplesmente apagadas. Assim pensamos neste mundo. No outro, Deus talvez tenha ainda outras possibilidades. Isso deve ficar aberto. É uma pergunta a Deus” (p. 25). Embora permaneçamos em uma “docta ignorantia” sobre as “realidades últimas”, não custa arriscar um palpite teológico. Parece que o cardeal Martini, na esteira de outros teólogos, entende o inferno como o retorno ao nada, um absoluto por-se fora da existência. De fato, se o amor é a essência radical do ser, uma vez que o amor é o próprio Deus (1 Jo 4,8) que, com sua ação criadora, faz com que todas as criaturas participem de seu ser, como poderia subsistir uma criatura que se pusesse completa e definitivamente fora da ordem do ser, não quisesse ser amada nem amar de uma vez por todas? Por outro lado, a permanência no ser de alguém que tivesse dito um não radical ao Amor, significaria que a vitória de Jesus Cristo nunca seria total, uma vez que o mal, o desamor possuiria um futuro de eternidade. Deus não criou o inferno para punir o pecado humano. Não há predestinação para o inferno.

O que existe é um desígnio divino de salvação para todos, mas uma salvação que fundamentada no amor pode ser recusada. Neste sentido, o inferno é uma questão para cada um pessoalmente, antes de ser para os outros.

Embora existam pessoas em quem o mal parece ter-se enraizado com abissal profundidade, devemos fazer nossas as palavras de Martini: “Nutro a esperança de que mais cedo ou mais tarde, Ele salve a todos. Sou um grande otimista” (p. 25). Afinal de contas, Deus em sua sabedoria e onipotência não pode evitar que sua paternidade de amor se torne causa de completa aniquilação e fracasso absoluto para o ser humano, eleito por ele em Jesus Cristo? Não temos como responder a essa pergunta. Devemos, porém, viver na esperança de que a resposta será positiva⁵.

A IGREJA

“Quando você se põe à disposição de Cristo, quando sabe que está ajudando a carregar sua Igreja, você vai aprender a amá-la. Também quando você sofre por causa dela” (p. 37). São inúmeras as referências à Igreja na fala do cardeal Martini. Embora haja críticas sérias, o que está na base de tudo é o amor e a fidelidade para com a Igreja, testemunhados no serviço prestado durante grande parte de sua vida como professor, escritor e bispo. Limito-me a comentar algumas de suas observações.

“Não se pode fazer um Deus católico. Deus está além dos limites e das limitações que criamos. Precisamos de limites na vida, mas não podemos confundi-los com Deus, cujo coração é sempre maior” (p. 29). A teologia enfoca a relação da Igreja com Deus a partir de inúmeros pontos de vista: Corpo de Cristo, mistério derivado do mistério de Cristo, povo de Deus, assembléia, instituição originada da prática e da pregação de Jesus... Um dado, porém, se impõe como primordial: a Igreja é Igreja de Deus, mas Deus não é o Deus da Igreja, não pertence a ela, não está sob seu controle. Por isso, a Igreja não controla os caminhos através dos quais Deus vem ao encontro dos homens. Tomás de Aquino intuiu isto ao escrever: “Deus não condicionou de tal modo sua força aos sacramentos, que não possa conferir os efeitos deles também sem eles” (*Suma Teológica* III, 64, 7). A Igreja possui um lugar específico no desígnio

⁵ Cf. B. Sesboué, L’*enfer est-il éternel?*, *Recherches de Science Religieuse*, 87/2, 1999, 189-206; A.T. Queiruga, O que queremos dizer quando dizemos “Inferno?”, Paulus, São Paulo, 1996; L. Boff, *Vida para além da morte*, Vozes, Petrópolis, 1973

nio salvífico de Deus, mas precisa estar vigilante a fim de não cair na tentação de absolutizar-se.

“A Igreja falou muito de pecado, demasiado. Ela pode aprender de Jesus, que é melhor animar as pessoas e desafiá-las a lutar contra o pecado do mundo” (p. 43). Mais adiante, Martini dirá que para a Bíblia pecado não quer dizer primeiramente nossas debilidades pessoais, mas as grandes injustiças e necessidades do mundo, contra as quais somos chamados a lutar. Nossas debilidades têm sua importância. Dentro, porém, de um projeto de vida muito mais amplo e de sentido altamente positivo. “O Cristianismo, o Catolicismo não é um conjunto de proibições, mas uma opção positiva”, afirma Bento XVI. Isto deve estar presente agora, quando a existência cristã se amesquinha em projetos do tipo: “por hoje não vou mais pecar”. Ora, um projeto de vida inspirado no evangelho se exprimiria dessa maneira: hoje vou ser melhor discípulo missionário de Jesus Cristo do que ontem, e assim progressivamente.

“Um cristão não se perde em tendências modernas ou naquilo que está na moda ou no que todos querem. Ele participa, atua, opina. ‘Vocês vão julgar o mundo’, diz Jesus a seus discípulos e a nós também. Com isso, Jesus nos coloca numa posição de força: devemos ajudar o mundo a encontrar uma direção, não é outro o sentido de sermos juízes” (p. 30). Aqui entra o modelo da Igreja como sociedade contrastante, da autoria de dois teólogos alemães. Dentro de sua missão profética, a Igreja deve ser capaz de indicar as exigências para a superação do estilo de vida dominante. Esse juízo sobre a sociedade certamente conduzirá cristãos e comunidades a novas formas de martírio.

CONCLUSÃO

A teologia é discurso sobre Deus, feito neste pequeno-grande livro sob a forma de conversa. Atrevi-me a entrar nela e desejo que outros tenham o mesmo atrevimento. Para isto escrevi estas notas de leitura. Importa, porém, que o façamos, tendo presente o seguinte: “Se falamos de Deus, temos que falar seriamente. Senão é melhor não pronunciar o seu nome” (p. 156).

Antonio Alves de Melo

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália
E-mail: antomelo2006@uol.com.br